



FORMAÇÃO DOCENTE NA RELAÇÃO COM A EXPERIÊNCIA: A TEMPORALIDADEESQUECIDA?

*Chirlei Dias do Nascimento¹

*Lauren Oliveira Javarez²

Cristiane Ludwig Araújo³

Eixos Temáticos: Docência e formação de professores

Resumo expandido:

Esta pesquisa tem a intenção de aprofundar alguns tópicos no âmbito filosófico-educacional referente à formação docente na relação com o saber da experiência, por meio das categorias: tradição; temporalidade; subjetivação. Tais categorias foram identificadas pelas múltiplas formas de reconhecimento do saber da experiência na relação com o passado e o presente. Com isso, busca-se investigar os recursos utilizados pelos professores na transformação do saber da experiência em uma atividade intelectual, na tentativa de extrair elementos conceituais, e que podem assim, estar quebrando com o esvaziamento da historicidade. Por essa razão, a investigação pauta-se nas contribuições da pesquisa qualitativa em sua vertente hermenêutica, sendo os objetos de coleta de dados e de análise as narrativas – escritas ou orais – dos professores participantes da pesquisa.

Ao caracterizar a pluralidade dos saberes docentes no arcabouço da formação profissional, disciplinar, curricular e experiencial Tardif (2008), amplia o horizonte da formação docente para além do domínio da matéria, da disciplina e do programa, adicionando “conhecimentos relativos às ciências da educação à pedagogia e um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos” (Ibid., p. 39). Na relação

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Matemática do IFFar – Campus São Borja, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista modalidade PAIC-ES, de Iniciação Científica. chirleinascy74@gmail.com.

² Aluna do Curso de Licenciatura em Matemática do IFFar – Campus São Borja, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista pelo CNPQ, modalidade Iniciação Científica. lauren.javarez@hotmail.com

³ Doutorado em Educação, professora do IFFar – Campus São Borja, Rio Grande do Sul, Brasil. cristiane.ludwig@iffarroupilha.edu.br



específica com a experiência o saber envolve a “cultura docente em ação” e também pressupõe a ideia de temporalidade dos saberes, já que remete à história de vida e de carreira profissional do professor (TARDIF et al., 1991, p. 228).

Se, de um lado, o sujeito se constitui no encontro com um mundo que lhe é anterior, de outro, essa apreensão subjetiva implica um processo de (re)criação consciente que permite o distanciamento da tradição. Tal processo passa pela atividade do pensar, afinal:

Aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais (ADORNO, 1995, p. 151).

Ao fomentar uma experiência intelectual inverte-se o saber da experiência reduzido ao processo de adaptação às prescrições da prática pedagógica atrofiada aos meios e procedimentos, isto é, presa a problemas que a prática imediata traz em sua ênfase no *como* e não no *por quê*. Entretanto, a subjetividade do saber docente se constrói na experiência em diálogo com o conceito. Teorizar a si próprio é fazer parte do mundo social por meio do exercício da liberdade, da resistência à passividade, distanciando-se do imediatamente dado. É sob essa via que os saberes docentes indicam atos e discursos para os quais é possível fornecer razões capazes de validá-los: a racionalidade é entendida como capacidade discursiva e argumentativa, “na medida em que o sujeito é capaz de dizer por que adota tais comportamentos” (TARDIF, 2008, p. 211).

A investigação ampara-se nas contribuições da pesquisa qualitativa em sua vertente hermenêutica que implica na “fecundidade da experiência de estranhamento, pela constante necessidade de ruptura com a situação habitual, como exigência para penetrar no processo compreensivo” (HERMANN, 2002, p. 87).

Até o momento, a pesquisa realizou um levantamento bibliográfico a respeito das categorias tradição, experiência e subjetividade na relação com a temporalidade. A escuta ao passado sob o chamado da hermenêutica possibilitou compreender que o esgotamento da tradição da filosofia metafísica abre as fissuras do passado e do presente sem os óculos de prescrições ou receituários de uma determinada tradição, como a do formalismo ou do



apriorismo, por exemplo. A instância compreensiva dessa experiência supõe que o que se perdeu foi a continuidade do passado, tal como ele parecia passar de geração em geração, desenvolvendo-se no processo de sua própria consistência. A redefinição do conceito tradicional de temporalidade está enraizada nos eventos do presente, a fim de confrontá-los à luz de um passado, que não está acabado, e das exigências de um futuro, sempre aberto e imprevisível, e, portanto, indeterminado.

A análise bibliográfica reportou a compreensão de que o fim da tradição não significa a necessidade de reencontrar ancoragem firme em um porto seguro. Nesse caso, se o fim da tradição traz como consequência o esfacelamento da narrativa tradicional, ela aparece agora como uma atividade hermenêutica que sabe, por um lado, recolher do passado esparso o que ficou esquecido pela tradição. Por essa via, também se afasta, por outro lado, de uma narrativa obsoleta de cunho universal, ao que Lyotard chama de *as grandes narrativas legitimantes*.

O que se opõe a essa tarefa salvadora do passado não é somente o fim de uma tradição e de uma experiência compartilhadas, mais profundamente é a realidade do sofrimento, de um sofrimento tal que não pode depositar-se em experiências comunicáveis, que não pode dobrar-se à junção, à *sintaxe* de nossas proposições. Esse sofrimento que a Primeira Guerra revelou (e que a Segunda devia levar a seu cume inominável) não pode ser simplesmente contado [...]. No entanto, deveria ser dito, narrado, mas num sentido diferente do da acepção tradicional (GAGNEBIN, 2009, p. 63).

Com a quebra da certeza de julgamento que se deu em virtude do desmantelamento da tradição, a orientação prática também se encontra fragilizada e explica a habitual desorientação, isto é, a incapacidade em contar histórias ou, então, em dar e receber um conselho. No entanto, o descrédito da tradição sagrada ou profana, que carimbava a autorização da tomada de palavra ou de escrita, produz essa narrativa imparcial, sem laços nem apoios, mas um caminho sempre aberto para cada sujeito entrelaçar os fios compreensivos de sua formação.

Nesse sentido, relembrar os eventos do passado de acepção imparcial e aberta ao outro, como em Homero e em Tucídides, por exemplo, pode desembocar numa prática comum, já que as histórias não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém “escutadas e seguidas, acarretando uma formação (*Bildung*)” (GAGNEBIN, 2009, p. 57). A



imparcialidade e abertura ao diferente e, portanto, não restrita em uma esfera individualizada e irrefletida, comungam com o sentido atribuído por Benjamin à experiência: “cada uma de nossas experiências possui efetivamente conteúdo”, sendo este construído “a partir do nosso espírito”. Logo, “a pessoa irrefletida acomoda-se no erro. ‘Nunca encontrarás a verdade’, brada ela àquele que busca e pesquisa, ‘eu já vivenciei isso tudo’. (...) A experiência é carente de sentido e espírito apenas para aquele já desprovido de espírito” (BENJAMIN, 2009, p. 23, grifos do autor).

Na relação da formação docente com a experiência, a temporalidade assume uma dimensão formativa na medida em que a prática docente não se limita a si própria, em um ciclo inacabável do mesmo, em um cotidiano petrificado. O esvaziamento dessa experiência se faz notar, de acordo com Agamben (2008), com o projeto moderno que configurou o tempo como homogêneo e vazio, o que reforça a mitologização do cotidiano. Tal perspectiva configura a formação docente na relação com a experiência a um pensar em relação à realidade, ao conteúdo. Ao validar sua ação pela relação racional reconstrói sua experiência, quebrando com a lógica reprodutora da experiência.

Palavras-Chave: Formação Docente. Saber da Experiência. Hermenêutica. Temporalidade.

Referências:

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMGF, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 2009.
- HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.
- TARDIF, Maurice et al. Os professores face ao saber. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, p. 215-233, 1991.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2008.